
**HISTÓRIA E IDENTIDADE DA REGIÃO SUL DE
MATO GROSSO: A OCUPAÇÃO E
COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE NOVA
ANDRADINA (1933-1950)**

João Carlos Zoti

Mestrando na Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Bolsista CAPES 2015-2017.

Email: rafa-ricarte@hotmail.com

HISTÓRIA E IDENTIDADE DA REGIÃO SUL DE MATO GROSSO: A OCUPAÇÃO E COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE NOVA ANDRADINA (1933-1950)**HISTORY AND IDENTITY OF THE REGION SOUTH MATO GROSSO: THE OCCUPATION AND COLONIZATION OF NOVA ANDRADINA REGION (1933-1950).**

João Carlos Zoti

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar e discutir o processo de ocupação da região de Nova Andradina no Sul de Mato Grosso, que se dá através de políticas de colonização dos “espaços vazios” proposto pelo governo com a Marcha para Oeste. Deste modo, o acesso a terra na região de Nova Andrade, no contexto histórico do Sul de Mato Grosso, dá-se através da colonizadora Moura Andrade & Cia entre os anos de 1933 a 1950, com a compra e o desmatamento de diversas glebas e fazendas, das quais Primavera e Baile, escolhidas por terem uma terra fértil. Esse fato favoreceu a vinda de outros colonizadores e migrantes com desejo de trabalho e terra. Assim, para entender esse processo da colonização, foi utilizado fontes orais e documentais que deram suporte para a pesquisa. Diante desta perspectiva, o trabalho se encontra com a proposta de compreender a colonização de Nova Andradina relacionada às questões de ordem social, política e cultural.

PALAVRAS-CHAVE Nova Andradina, colonização, Mato Grosso.

ABSTRACT

The present essay aims to present and argue about the occupation process of the region of Nova Andradina in the south of Mato Grosso through colonization policies of “empty spaces” proposed by the government with *March to West*. Thereby, the access to land in the region of Nova Andrade, in the historic context of South of Mato Grosso, it happens through colonizer Moura Andrade & Cia in the period of 1933 to 1950 by buying and deforesting a lot of terrains and farms, as example *Primavera* and *Baile* chosen because their fertile soil. This fact favored the come of others colonizers and migrants aiming for work and land. Thus, to understand this process of colonization it was utilized oral fonts and documents which supported the research. Throughout this perspective, this work purposes to comprehend the colonization of Nova Andradina related to social, political and cultural questions.

KEYWORDS: Nova Andradina, Colonization, Mato Grosso.

INTRODUÇÃO

A ocupação das regiões do Sul de Mato Grosso perante a um processo expansionista pode estar relacionada a duas matrizes de interpretação: a primeira diz respeito à atuação das Companhias de colonização que eram estimuladas pelo governo federal a colonizar os “espaços vazios”, tendo como ganho a exploração das áreas ocupadas e conseqüentemente trabalhadores, tanto locais como migrantes. Já a segunda frente seria a atuação de grandes proprietários de terras, que em âmbito mais local, poderiam colonizar determinadas áreas e destiná-las a perímetros urbanos. A colonização de Nova Andradina se dará pelo processo de colonização por empresas privada, no caso a Companhia Moura Andrade & Cia.

Nas palavras de Neto, a colonização e as colonizadoras criaram mecanismo de forma que atraiu mão-de-obra para as regiões colonizadas a fim de conquistar riquezas e conseqüentemente gerará renda para a região.

Os chamados núcleos de colonização constituir-se-ão em instrumentos políticos de controle não apenas do acesso à terra, mas ainda da formação de um mercado de mão-de-obra, recebendo vultosos incentivos financeiros do governo brasileiro, patrocinando a iniciativa privada. Resta destacar que a colonização como narrativa que participa da elaboração do mito do Eldorado, indicado como a terra da abundância e da fartura, é reveladora dessas práticas políticas. Nesse sentido, torna-se necessário chamar a atenção para a positividade que adquire o termo colonização, adotado pelos meios oficiais e empresas que atuaram em grandes áreas de terras dos estados que compõem a Amazônia. (NETO, 2006, p.01)

As companhias colonizadoras no período de 1920 a 1970 teve papel fundamental no processo de ocupação do Sul de Mato Grosso, provocando transformações na região.

[...] com o movimento colonizador que se iniciou naquele período, o perfil histórico da região Sul de Mato Grosso passou por profundas transformações, alterando radicalmente as formas de exploração econômica; a densidade demográfica foi sensivelmente aumentada com a chegada de centenas de imigrantes de varias regiões do Brasil, bem como de outras nacionalidades; no mesmo sentido, ocorreu a mudança na constituição sociocultural da população, com intensas e profundas interações culturais entre os que chegaram e os que já estavam na terra. (ZILIANI, 2010, p.122)

Já as políticas de colonização por empresas particulares tiveram início a partir da década de 1950, pois desde 1940 o governo federal demonstrava interesse em privatizar a

colonização do Sul de Mato Grosso¹. Mas Lenharo (1886b) salienta que mesmo com a prática de governo de vendas dessas terras, muitas foram cedidas para empresas colonizadoras.

A visão da colonização pelo governo se fazia necessária tomar novas posturas diante ao processo de colonização, como demonstrado nas Mensagens de presidente de Getúlio Vargas:

No passado, a colonização tinha por objeto alargar a área de ocupação econômica do território e o efetivo de população. E a função ainda tem atualidade, mas já hoje é fora de dúvida que outros objetivos são mais importantes, como o de ampliar os suprimentos alimentares, com a criação dos cinturões verdes em torno das cidades: o de melhor aproveitar as terras acessíveis, utilizando as facilidades de transporte e até contribuindo para a recuperação econômica das terras que margeiam as estradas de ferro e outras vias; o de facilitar a propriedade da terra, constituindo-se um fator de fixação no campo e de revitalização de nossa economia agrária: o de fixar imigrantes, visando precipuamente ao aumento da produção e introdução de novas técnicas e hábitos de trabalho nos meios rurais.²

Assim, como exposto, o governo buscava com a colonização, não mais o interesse de colonizadas esses “espaços vazios”, mas sim, de facilitar para as empresas particulares o acesso à terra e com isso a vinda de trabalhadores para a região colonizada, gerando assim a produção de alimentos e renda.

Os modelos de colonização particular ganharam espaço, segundo Figueiredo (1968), com surgimento de Companhias colonizadoras com o interesse de ocupar e colonizar a região do Sul de Mato Grosso, como a Companhia Viação São Paulo-Mato Grosso, que funda Bataguçu em 1941. E também a Companhia Moura Andrade & Cia com a colonização de Nova Andradina na década de 1950. Já outra colonizadora a SOMECO inicia a “ação colonizadora” em 1961 em Ivinhema.

Com isso Carli conclui que: “Todas essas iniciativas de colonização marcam uma fase de ocupação intensiva, sob o domínio da agricultura – sem abolir, naturalmente, a pecuária” (CARLI, 2005)

Nesta medida, a colonização do Vale do Ivinhema, em especial a região da cidade de Nova Andradina, irá acontecer entre os anos de 1930 a 1950. Sendo nesse período que a Companhia Moura Andrade & Cia e Antônio Joaquim de Moura Andrade ganhou notoriedade e passou a colonizar terras devolutas do governo. Em 1938, a Companhia viu nas terras do SMT uma oportunidade de negócio, tanto pela facilidade de adquirir terras na região

¹ Ver: LENHARO, Alcir. Terra para quem nela não trabalha: (A especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50). Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3626. Acesso: 04/04/2016.

² Mensagem de Presidente. Getúlio Vargas, 1951, p.240.

(possibilitado pela Marcha para o Oeste), como pela grande quantidade de árvores na região, sendo propícia para o comércio madeireiro.

Portanto, apesar de todo investimento e divulgação, a Marcha para Oeste não conseguiu sanar de forma satisfatória os problemas de desenvolvimento econômico do Estado, mesmo com a criação das CAN que incentivou o processo de ocupação das terras, e o sucesso da Colônia Agrícola de Dourados - CAND se restringiu apenas em algumas áreas da região do Sul de Mato Grosso.

No contexto da colonização de Nova Andradina, a Marcha para Oeste não será caracterizado pela distribuição de terras, e nem pela ação das CAN, mas pela facilitação de acesso as terras para empresas colonizadoras durante a política da Marcha. Desta forma, a Marcha para Oeste estaria reduzida mais a um discurso simbólico nacionalista, do que política de ocupação.

POSSÍVEIS ANÁLISES TOERICAS PARA ENTENDER O PROCESSO DE COLONIZAÇÃO

O artigo buscou entender o processo de colonização da região Sul de Mato Grosso como uma realidade se torna uma construção dos sujeitos históricos, conforme palavras de Chartier essas construções históricas surgem por relações de lutas, disputas e conflitos quando “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1988, p.17).

Já as interpretações e análise feitas com base nas entrevistas, buscou mostrar o trabalho do historiador em interpretar determinado relato, contextualizando com determinada realidade histórica. Desta forma, nas palavras de Garrido:

O uso de fontes orais requer exatamente como qualquer outro tipo de fonte, uma aproximação crítica. Não há como entendermos aquilo que nos disse uma testemunha ou informante como necessariamente correspondente àquilo que poderíamos chamar de realidade histórica [...] a memória é essencialmente seletiva e, por isso mesmo, parcial e interessada. (GARRIDO, 1993, p.38):

Neste sentido, os relatos orais possibilitaram entender o processo de colonização da região como sendo portadora de práticas e representações, onde foi possível observar que as relações entre trabalhadores e proprietários de terras (patrões) denotam relações de poder,

pois, segundo Chartier (1988, p.17) as práticas sociais não produzem discursos neutros, e sim estratégias que tende a impor uma autoridade às custas dos outros, por elas menosprezadas. Portanto, se torna claro motivos que trabalhadores que vieram para a região, desejavam riqueza, terras e futuro que lhes fora prometido. Com isso, as análises realizadas por Chartier se torna esclarecedor para entender os possíveis conflitos que ocorriam por interesses dos patrões e das relações coercitivas com empregados, pois os mesmos almejam coisas distintas, muitas vezes os desejos de ambos entram em atrito. Neste processo, Chartier mostra que:

As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social — como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas —, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1988, p. 17).

Deste modo, as lutas de representação se dão a partir das práticas autoritárias dos patrões com empregados na região colonizada de Nova Andradina, onde os trabalhadores estavam aprisionados a um contrato de trabalho de três anos, mas a partir do momento os que não servissem ao trabalho, estava doente ou inapto, eram demitidos.

Assim para entender o processo e as dinâmicas históricas e sociais, que ocorreram para a colonização da região de Nova Andradina, considerando os relatos dos pioneiros da cidade, que se tornaram de suma importância na (re)construção dessa história, as memórias dessas pessoas, se tornam indispensáveis a partir do momento que, em conjunto com o trabalho do historiador, essas memórias acabam sendo externadas por meio da operação historiográfica. Assim, segundo o sociólogo Maurice Halbwachs, em sua obra *Memória Coletiva*,

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões, a lembrança se distinguiria, por definição, dessas ideias mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma ideia do que foi o nosso passado (HALBWACHS, 1990, p. 71).

No entanto, conforme alerta Circe Bittencourt,

A memória, [...], não pode ser confundida com a história. [...] As memórias precisam ser evocadas e recuperadas e merecem ser confrontadas. A dos velhos e de pessoas que ainda estão no setor produtivo ou as de homens e de mulheres nem sempre coincidem, mesmo quando se referem ao mesmo acontecimento. (BITTENCOURT, 2004, p. 170)

Deste modo, o trabalho do historiador deve ter maior preocupação em interpretar e compreender a história oral, pois, como mostrar os relatos e a dimensão que a colonização desse período retrata. Com isso, entender esses relatos como portadores de memória e que cabe ao historiador a tarefa de fazer uma série de articulações desses relatos, relacionando-as com a história. No entanto, entender que não se deve se apoderar dos discursos produzidos no presente, assim, compete ao historiador passar esses relatos por mediações fundamentais - tanto pela complexidade dos atos de memória quanto pelas regras da escrita - ao apresentar o passado (NETO, 2006, p.145). Neste sentido, ao se pensar a colonização de Nova Andradina, observar a mesma como parte de um recorte feito pelo historiador.

A utilização da História oral, se torna de suma importância, as vezes pela escassez de documentos, com isso o uso do recurso oral se torna um item valioso para futuras fontes, que poderão preencher lacunas que os documentos possam deixar.

COLONIZAÇÃO DE NOVA ANDRADINA-MS

Ao adentrar no Estado de Mato Grosso entre os anos de 1933 a 1939, a Companhia Moura Andrade inicia a compra de terras onde atualmente se localiza o município de Batayporã, primeiramente no ano de 1938 adquirindo parte da “Gleba São Bento”, e demarcando outras glebas ao redor³. Posteriormente adquire as terras da fazenda “Caaporã”, localizada no Vale do Paraná, que mais adiante se tornaria Fazenda Primavera, assim, neste contexto, iniciou-se o processo de desmatamento da região.

Antônio Joaquim de Moura Andrade, dono da Companhia Moura Andrade & Cia, colonizador de Nova Andradina, nasceu em 22 de dezembro de 1889, em Espairada do Varjão, filho de Joaquim Teodoro de Andrade e Maria Julia Dores Andrade. Casou-se Guiomar Soares. Neste percurso histórico, Moura Andrade, envolveu-se com diversos empreendimentos, até dar início a Companhia Moura Andrade & Cia. A História da Colonizadora “Moura Andrade” irá iniciar 1913, quando Antônio Joaquim associa-se com Seraphim Collettes, e Guilherme Moura, e juntos fundam a empresa “Collettes, Moura & Cia”, dedicando inicialmente ao comércio de cereal. Em 1915 a empresa começa também a

³ Na região onde atualmente está localizada as cidades de Nova Andradina e Batayporã, as terras adquiridas ou requeridas por Antônio Joaquim de Moura Andrade foram ocupadas sem maiores formalizações. (MORENO, 1999, P.74)

exportar café, no mesmo ano Collettes por brigas internas, desassocia-se da Companhia e isso fazer com que Moura Andrade, mude novamente o foco da empresa.⁴

Em 1917 a Companhia irá comprar terras no extremo Oeste de São Paulo, adquirindo quinhões da antiga Fazenda Barra do Tiete na Comarca de Araçatuba. As regiões compravam, era de terras virgens, perobas imensas, terras ubérrimas. Em 1931, seu irmão e advogado Octávio Andrade, junta-se a empresa como sócio, dando início em 1935 a empresa “Moura, Andrade & Cia”. Com a saída do outro sócio Seraphim Collettes em 1937, Antônio Joaquim junto com seu irmão decidem iniciar uma empresa de colonização, assim, surge “Moura Andrade & Cia”.⁵

Em 1938, Antônio Joaquim de Moura Andrade, dará início ao desmatamento e colonização de Andradina-SP⁶, nas palavras de Auro Moura Andrade, seu pai “sob a égide da Cruz, deu início a um dos mais fascinantes empreendimentos”. Moura Andrade irá comprar terras, consideradas inóspitas na época, de forma a ser anunciada como sendo um grande empreendimento, um plano de reforma agrária.

A colonização da cidade iniciou com compra e desmatamento de diversas glebas e fazendas, entre elas a fazenda Primavera e a fazenda Baile, escolhidas por terem uma terra fértil. Com recursos próprios, a Companhia Moura Andrade & Cia investiram para que cerca de 350 km de estradas fossem abertas, cruzando matas, rios, varjões. Esse fato favoreceu a vinda de outros colonizadores e migrantes com desejo de trabalho e terra. (SANTOS, 2015).

Neste ponto, para se entender a colonização e ocupação de Nova Andradina, pensada “como um processo plural em ação, reproduz relações sociais permeadas por muitos interesses públicos e privados, os quais somente poderão ser visualizados se forem inseridos em um contexto histórico específico”(SILVA, 2006, p.16), desta forma, estando inserida em um contexto social de interesses públicos e privados no processo de ocupação de terras, pois como exposto o acesso à terra dado pelo a política da varguista possibilitou que Moura Andrade pudesse adquirir a terras de forma mais fácil, sem nega aqui os conflitos que ocorreram por terras com colonos que já viviam na região.

Assim, enfatizar que o processo de colonização da região de Nova Andrade, mesmo sendo parte de uma característica geral, não se deve pressupor que a mesma segue um

⁴ O PROGRESSO, Jornal. Um sonho de imortalidade. Brotas – SP. Dezembro de 1973, p.02.

⁵ Idem.

⁶ A Companhia na mesma época da Colonização de Andradina, também fará compras de terras da região que ficará conhecida como Aguas de São Pedro, mas essa será tocada pelo seu irmão Octavio Andrade.

processo homogêneo igual a de outras cidades da região e também do país. Diante desta perspectiva, a colonização de Nova Andradina está relacionada a questões de ordem social, política e cultural, pois, para entender as relações históricas decorrentes do processo de ocupação, se deve pensar o momento histórico que determinada realidade é construída.

Neste contexto, o presente trabalho, parte da dissertação de Mestrado em andamento, pretende discutir o processo de colonização de Nova Andradina, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, no que concerne aos aspectos históricos que envolvem esses processos, quando ainda o Estado não havia passado pelo processo de divisão.

Para o Estado existia normas e regras para o povoamento dos “espaços vazios”, pois as relações de compra e venda de terras estavam acontecendo de forma ilícita. Assim segundo os discursos governamentais para a compra de terras estabelecia a intenção de “[...] evitar a grande exploração que vem processando sobre a venda de terras devolutas do estado, providencias enérgicas e imediatas deverão ser tomadas.”⁷.

Segundo os discursos governamentais para a compra de terras, era estabelecido que a intenção de “[...] evitar a grande exploração que vem processando sobre a venda de terras devolutas do estado, providencias enérgicas e imediatas deverão ser tomadas”⁸, desta forma para o Estado, existiam normas e regras para o povoamento dos “espaços vazios”, mesmo estas não sendo cumpridas, com relação a compra e venda de terras.

Sobre o processo de vendas das terras devolutas, os jornais lançavam apelo à população com teor patriótico, criticando a política de vendas das terras devolutas por autoridades locais. Em um dos textos intitulado “Estão vendendo terras em Mato Grosso”, no jornal n’O Estado de Mato Grosso relatava:

[...]. Estão vendendo Mato Grosso! A febre de loteamento na região está destruindo uma riqueza nacional que jamais se poderá recuperar. Terras ricas, capazes de construir toda nossa riqueza agrícola do país, vão sendo impiedosamente queimadas, para – envergonha dizer – serem trocadas por dólares e francos com a conivência das próprias autoridades locais. Por onde se passa veem-se anúncios de terras para vender, mapas e contratos. Só indo lá para ver. É o que devem fazer principalmente os moços, que são os interessados. Vão lá e deem esse socorro ao Brasil.⁹

A partir da Lei nº 336, teve início no ano de 1949 “uma comissão especial para proceder à discriminação das terras devolutas para venda ou para estabelecimento de núcleos coloniais”

⁷ Relatório das atividades desenvolvidas pelo departamento de Terras, Minas e Colonização. Cuiabá, Departamento de Terras, Minas e Colonização, 1954, p. 03-04. Apud HEINST.

⁸ Idem.

⁹ “Estão vendendo terras em Mato Grosso”. Jornal O Estado de Mato Grosso: Cuiabá, 21 de novembro de 1954, nº2485, p. 01.

(1986, p. 24). Será nesse processo de apropriação de terra, que a Companhia Moura Andrade & Cia teve que enfrentar moradores da região, principalmente da etnia indígenas Ofaié. Segundo Nardoque (2012) a região colonizada teria sido também povoada por posseiros e grileiros.

No processo de apropriação de terra, Moura Andrade teve que enfrentar possíveis moradores da região, segundo Nardoque (2012) a região colonizada teria sido povoada por posseiros e grileiros.

Conforme a fala de Antonio Fernando:

Especificamente Nova Andradina ela começou a ser aberta a partir da Fazenda Primavera. O seu Antônio Joaquim de Moura Andrade adquiriu aquelas áreas, algumas eram glebas que não tinham sido abertas ainda, mas existia a gleba Caaporã, que já era uma fazenda aonde residia, um... m homem chamado é... Quincas Nogueira [...]. Esse seu Quincas Nogueira, ele ocupava essa gleba chamada Caaporã, um local chamado Caaporã, aonde já existia uma estrutura, ali ele criava porcos, ali principalmente e algum gado, e fica localizado hoje entre a sede da Fazenda Primavera que foi posteriormente construída e o rio Bahia, ele fica ali numa área onde tem uma terra um pouco mais fraca, um pouco mais arenosa e foi aonde Antônio Joaquim de Moura Andrade fez o primeiro campo de aviação. (SANTOS, 2011).

Pela fala de Antônio Fernando, percebe uma naturalidade ao relatar o processo de apropriação de terras pela Companhia na região, ao usar o termo “ocupava” da área da Gleba de Caaporã pelo sujeito Quincas, evidencia que a mesma não foi comprada de forma legal, e depois posteriormente a área seria destinada ao campo de viação da Companhia, denota-se de início uma relação de conflito pela posse de terras. Pode-se entender que existia um conflito nesse processo de ocupação de terras na região Sul de Mato grosso, pois a mesma não eram fiscalizadas de forma exemplar pela política de colonização e ocupação do governo, então a Companhia com seu poder econômica e político poderia usar de meio coercitivos para tomar de posse essas terras, ou compra-las por valores irrisórios.

Com a necessidade de criação de um meio de transporte que ligasse o Estado de Mato Com a necessidade de criação de um meio de transporte que ligasse o Estado de Mato Grosso com São Paulo, Moura Andrade cria um porto Fluvial a 19 quilômetros da Fazenda Primavera, cruzando o rio Paraná. Segundo o Jornal D’Oeste, Antônio J. de M. Andrade visava com essa construção uma forma de desenvolvimento da região:

Esse porto contribuiu de imediato para o desenvolvimento do comércio e a indústria madeireira da região, levando os produtos da terra ao mercado consumidor e trazendo em contra-partida, o necessário para a sobrevivência das famílias que aos poucos iam se aglomerando nas redondezas, derrubando matas e plantando as primeiras sementes do progresso.¹⁰

¹⁰ “Nova Andradina na visão de um pioneiro”. Jornal D’OESTE, 1989, p.01, s/n. Museu de Nova Andradina – MS.

Deste modo, o Porto Primavera possibilitou acesso às terras da região, pois oferecia condições de navegação e relações comerciais com outras cidades, como Presidente Prudente/SP, onde existia a Cia. de Estrada de ferro Sorocaba, permitindo assim, a entrada e saída de pessoas com mercadorias.



FIGURA 01 – Porto Primavera, a margens do rio Paraná. S/D
FONTE: Museu Municipal de Nova Andradina.

Ao notar a imagem acima, fora a o transporte de madeiras da região Sul de Mato Grosso para o Estado de São Paulo, era também realizado o transporte bovino, pelo fato que desde o século XIX a região Sul do Mato Grosso se transformará na principal atividade econômica no Estado, estabelecendo relações comerciais principalmente com o sudeste brasileiro. Segundo Abreu (1997, p. 38-50), existia uma vontade de ligar os dois Estados desde 1870, com muitas tentativas frustradas e algumas com sucesso, pois a áreas que ligava as duas regiões eram compostas por matas densa, o que dificultava a abertura de estradas. Portanto, a criação do Porto naquele momento seria a melhor forma de transporte para a região sudeste.

Deste modo, através da criação do porto Primavera, às margens do rio Paraná, que se deu abertura da Fazenda Primavera e começou o período de desmatamento. Perante isso, serralherias começaram a se interessar pela região e aproveitar a madeira existente. Em seguida com ocorreu plantio e formação de pastagem com o capim colômbio.

Segundo o jornal citado, em entrevista publicada com um dos pioneiros de Nova Andradina (Aurélio Fernando da Costa), a Fazenda Primavera era muito movimentada por

causa da venda de madeiras. Ainda segundo o relato do entrevistado a região desmatada foi do atual município de Nova Andradina, da fazenda São Bento, e distrito de Casa Verde, até as margens do Rio Ivinhema. O entrevistado relata que o procedimento para abertura e derrubada de árvores contou com vários trabalhadores, mas sempre exaltou que o desmatamento e ocupação se deu apenas pela Companhia Moura Andrade & Cia, o que nos mostra a intenção e articulação de Moura Andrade de ser representado como o detentor da ocupação, colonização e criação da cidade de Nova Andrade, deixando de lado homens e mulher que participaram desse processo.

E os próprios colonos que compravam os loteamentos de terras da Companhia, teria conseguido o que almejava ao vir para terras da região? Seria um bom negócio que os favoreceu? Ou a colonização beneficiaria primeiramente e principalmente a empresa colonizadora?

Pensando na proposta de colonização, Moura Andrade, ao pensava ao colonizar Nova Andradina, pudesse criar uma cidade urbana e desenvolvida, para assim, com a vinda de migrantes para a região, lhes eram prometidas terras a um preço baixo para os trabalhadores, para assim. Portanto a vinda de trabalhadores, colonos para participarem do processo de colonização de Nova Andrade, nas palavras de Souza se estabelece “no processo migratório, migram para as áreas onde atuam os fatores de atração pessoas de todas as classes sociais. Cada um concorre ao mercado com seus capitais para investir, com suas habilidades técnicas educacionais, ou apenas com sua força de trabalho”(SOUZA, 1980, p.38). Desta forma, a ideia construída de “terra prometida” pela Companhia aos colonos, se legitima a partir do momento que os próprios trabalhadores acreditavam nessa ideia, primeiramente pelo fato de vários migrantes nordestino que vieram para a região serem de condições financeiras baixas e a vinda para o Sul de Mato grosso, seria uma oportunidade de riqueza e aquisição de terras.

Pode-se levantar questões que a Companhia Moura Andrade detinha de poder político e econômico para adquirir terras por toda a região, fazendo compras de glebas e vilas e ainda de entrar em conflitos com moradores da região, pois os mesmos viviam na terra sem ter direito de posse, segundo a lei. A relação de colono e colonizador

Assim, podemos levar em consideração que a história da colonização de Nova Andradina se dá logo de início por questões relacionada a econômico, para a Companhia conseguir efetivar o processo de desmatamento e colonização, surge a participação de migrantes que vinham em busca principalmente de riqueza e trabalho. As entrevistas feitas por Claudinei Araújo dos Santos,

durante o seu trabalho de mestrado no curso de Geografia, possibilitam a tentativa de compreender os sujeitos históricos e as relações econômicas e também sociais que se deram no processo de colonização da região estudada. Com isso, essas relações em algum momento se tornam conflitantes entre a Companhia Moura Andrade e os trabalhadores, onde ambos tinham o mesmo intuito, de conquistar riquezas e ter posse de terras.

Na entrevista feita pela historiadora Kelly Ribeiro (2011), pode-se notar que a relação de patrão e empregado se dava de forma muitas vezes autoritária e violenta, como está explícito no relato de Leandro: “... aí me tocaram na foice, estourou tudo minhas mãos aí eu fui falar que naquele tempo era os Garcias que mandava em tudo, era dos Moura Andrade, mas o Garcia que mandava, falou: não você tem que ficar 3 anos”. A relação de empregado e patrão, em uma perspectiva de dominante e dominado, com a fala do entrevistado entende que a relação de exploração de trabalho que a Companhia exercia em busca de mão-de-obra se concretizava em uma relação coercitiva. Esses trabalhadores permaneciam na região, pois nem sempre tinham a liberação para deixar o trabalho e voltar para sua terra. Pois eram práticas comuns nas empresas colonizadoras, que os empregados não podiam ir embora sem antes estar quites com suas dívidas com a empresa.

Perante a propaganda realizada para a distribuição em venda de terras pela Companhia Colonizadora, quando migrantes vinham para trabalhar na região, investindo dinheiros, deixando famílias, se sentiam na obrigação de permanecer no ali. Além do fato de estarem em uma região do Sul de Estado cercados por uma vasta extensão de mata, rios onde só era possível de chegar de avião. Portanto, será dessa foram que Moura Andrade, Jan Bata e outros poderosos da época dessa região em que a política de Vargas valia apenas para patrões.

A relação de trabalho nos espaços de colonização, a interação de capatazes e empregados ocorria de forma violenta. Na fala da dona Leona que, junto com sua mãe tinham medo de vir para região:

Menina, a violência é...eu acho que...inclusive até quando a gente foi mudar na fazenda primavera a minha mãe tanto que não queria mudar, porque a fazenda era muito comentada[...] o pessoal comentava tanta coisa, que acontecia isso, acontecia aquilo.¹¹

De acordo com o trabalho de Dias (2011), os trabalhadores eram castigados e obtinham penas se tivesse desacatado alguma norma administrativa. Segundo um

¹¹ Entrevista realizada pela pesquisadora Kelmi Rejane de Souza Soto, no dia 02/05/2010.

entrevistado: “Eles diz que ele judiava, mas quer dizer, tem muita coisa se fala eles manda matá você, até hoje né?” (Leandro citado por DIAS, 2011, p. 19).¹²

Nota-se assim que a maioria dos trabalhadores que vinham para a Fazenda Primavera com a promessa de riqueza, trabalho e terra, se deparam com outra realidade. Muitas vezes sendo obrigados a exercer atividades que não eram destinadas a eles e a um contrato de três anos, o que obrigava os trabalhadores fixarem a região.

Assim, com a chegada de pessoas na fazenda em busca de trabalho crescia de forma acelerada, isso pode se justificar pelo fato de que o próprio Moura Andrade buscava essas pessoas. Saindo de Andradina (moradia de Moura Andrade), trazia pessoas principalmente do Nordeste. E o mesmo avião também era abastecido de porco, galinha e gado, como mostra a imagem abaixo.¹³



FIGURA 02 – Interior do Avião de Transporte de Antônio Joaquim de Moura Andrade.
FONTE: Museu de Nova Andradina.

A partir da imagem (Figura 02) e do relato, o que deixa exposto o poder aquisitivo da Companhia tinha, de um curto espaço de tempo colonizar uma região, com milhares de trabalhadores que o próprio Moura Andrade buscava. Com isso, percebe-se um dos fatores de Nova Andradina ser criada, formada e reconhecida mais rápido de muitas vilas mais antigas da região.

Em entrevista feita pelo historiador Danilo Leite Moreira, o neto de Moura Andrade, Antônio Fernando Andrade Prado, tinha uma visão de tornar a Fazenda Primavera, o centro

¹² Entrevista realizada pelo pesquisador Antônio Marcos Dias em 2011.

¹³ Carlos Bernardes, entrevista concedida para o historiador Claudinei Araújo dos Santos, em 2011.

que facilitaria a vinda de pessoas para a região, e com isso futuramente possibilitaria a criação da cidade de Nova Andradina.

Ele começou a dotar a Fazenda Primavera de elementos para fazer aqui, nessa região, um centro de recursos, porque para se fazer uma colonização é preciso que se tenha recursos, que ofereça facilidades e segurança ao colono que virá. Principalmente as pessoas que vêm, elas só virão se tiverem confiança no empreendedor, na pessoa que está dirigindo o empreendimento. E, no caso, o meu avô já era uma pessoa que inspirava confiança, porque ele já tinha feito duas cidades. Principalmente você nota isso levando-se em conta que muitas das famílias, que estão em Nova Andradina, vieram de Andradina e daquela região do Alto Noroeste. Aqui, principalmente as famílias japonesas, muitas delas eram de Andradina, e vieram pra cá porque tinham na época, em Andradina, vamos dizer assim, um exemplo, cinquenta alqueires, eles vendiam esses cinquenta alqueires, que valiam muito lá em Andradina, vinham pra cá compravam duzentos, trezentos alqueires. Então, de sitiantes tornavam-se fazendeiros. E muitos vieram pra cá porque sabiam aonde ia o velho Moura Andrade o empreendimento ia frutificar. E ele dotou a Fazenda Primavera de recursos. [...] Para abrir para colonização ele trouxe tratores, *international harvester*, que eram tratores enormes de esteira; trouxe motoniveladora e todo um aparato de uma empresa de terraplanagem mesmo. (MOREIRA, 2010).¹⁴

Pode-se também notar a ideia que permeia tanto na colonização do município, como também em várias outras regiões do país, a concepção do colonizador como o “herói” o “mito” e desbravador único das terras colonizadas, o que não acontece tanto pelo relato exposto como a imagem e também nos relatos.

Desde a época de fundação da Fazenda Primavera e das demais propriedades, a região enquadraram-se todas no município de Rio Brillhante. Depois, passaram a pertencer ao município de Bataguassu em 1953. Já no ano de 1956, a Companhia Moura Andrade, já proprietária da fazenda Primavera e fazenda Baile inicia um processo de abertura de estrada que ligaria as duas propriedades, passando por Batayporã. Assim, no ano de 1957, Moura Andrade iniciou o trabalho, em conjunto com seus empregados, a fundação da cidade de Nova Andradina¹⁵. A princípio a cidade teria o nome de cidade Baile, no entanto, foi denominada Nova Andradina, referindo-se à cidade de Andradina – SP (SANTOS, 2015, p.142).

Analisando o trabalho de Monbeig (1984) sobre Andradina - SP, pode-se notar que o que impulsionou a criação de Nova Andradina está relacionado a mesma questão da também de Andradina, pois as duas regiões estavam ligadas a atividade madeireira, e isso proporcionou a fundação de Nova Andradina. Neste contexto, ocupação de Nova Andradina

¹⁴ Entrevista realizada pela pesquisador Danilo Leite Moreira, no dia 11/11/2010.

¹⁵ Para a criação da cidade de Nova Andradina, Moura Andrade loteou uma área de 6.925m², parte da fazenda Baile. Em 09 de novembro de 1957, começou o segundo loteamento. Com segundo lote, foi totalizando uma área de 42.339 hectares. Moura Andrade irá vender essas terras sem entradas, sem fiador e enormes prazos para pagamento.

estava ligada mais a questões econômicas e comércio, do que a ideia disseminada pela Colonizadora, de que o intuito era de povoar e dar trabalho para os migrantes.

Neste contexto, de fundar e emancipar a cidade, a Companhia teve apoio de políticos e governantes, como o Senador Auro Soares de Moura Andrade¹⁶, filho de Moura Andrade. A gestão de Auro Soares entre 1954 até 1967, indica a possibilidade que durante o seu mandato ter enviado verbas para a fundação e desenvolvimento da cidade criada por Moura Andrade, pois Nova Andradina se constituiu cidade de forma muito rápida e inesperada. Mas, importante destacar que o poder de Moura Andrade na política era grande, não precisando apenas do filho para conseguir seus acordos na colonização da região.

Conforme a fala de um dos moradores da cidade, a hipótese levantada acima se sustenta com o relato do Senhor Carlos Bernardes.

Sem dúvida, o Moura Andrade ele veio... Ele veio, ele fez fortuna... Ele fez fortuna no interior de São Paulo com o café, O governo de Getúlio na época [...] Ele, bancou, inclusive na crise de 29 pra 30, bancou até os cafeicultores. Comprava o café e pagava com o dinheiro público. Pagava até os fazendeiros pra manter o preço do café. Que era um produto que o Brasil exportava. Era o principal produto que o Brasil exportava. E ai ele tinha muitos laços políticos. E inclusive que você tá citando o Auro, por exemplo, foi Senador da Republica e em decorrência disso eu tenho a impressão... Eu tenho, eu tenho até certeza, que em decorrência disso, ele teve muito mais forca em desenvolver essa região aqui de Nova Andradina do que a própria companhia Viação. Né. Que apesar de ter vindo com o governo na época era um pessoal estrangeiro. Da Tchecoslováquia e o Moura Andrade, tanto é que Nova Andradina, ficou município primeiro que Bataiporã.¹⁷

Moura Andrade detinha grande poder como foi mostrado nos relatos de moradores da região. Chamado de “Rei do Gado”, mostra sua influência no Brasil, por ser um país principalmente latifundiário no período estudado, assim o seu poder com a colonização tanto de Andradina como de Nova Andradina acontece desde 1930, quando iniciou seu empreendimento, e também a presença do seu filho no Senado da República contribuiu para a prosperidade de transformação da região. (SANTOS, 2015, p.144).

Portanto, em termos políticos, econômicos e também sociais, Moura Andrade e sua Companhia detinha um poder muito grande sobre a região. Pois pode-se notar que Moura

¹⁶ Auro Soares de Moura Andrade nasceu no dia 19 de setembro de 1915, em Barretos (SP), filho de Joaquim de Moura Andrade e de Guiomar Soares de Moura Andrade. Iniciou sua trajetória política em 1947, elegendo-se deputado à Assembleia Constituinte paulista pela União Democrática Nacional (UDN). Em 1950, elegeu-se deputado federal. Em 1951, desligou-se da UDN, permanecendo algum tempo sem partido. Em 1952, já estava inscrito no Partido Democrata Cristão. Em 1954, ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro, mas nesse mesmo ano filiou-se ao Partido Trabalhista Nacional (PTN), pelo qual elegeu-se senador, em outubro. Posteriormente, transferiu-se para o Partido Social Democrático (PSD). Em 1961 se tornou presidente do Senado, renovando seu cargo em 1962. Como presidente do Senado, participou diretamente do golpe militar de 1964.

¹⁷ Entrevista realizada por Claudinei Araújo dos Santos em 15/01/2010.

Andrade com seu poder e apoio político, pode em um curto espaço de tempo ocupou uma grande extensão territorial, e com recursos próprios trouxe milhares de trabalhadores para a região, possibilitando assim, mesmo talvez não sendo a seu maior intensão, povoou, colonizou e fundou Nova Andradina. Assim, no ano de 1958 a Companhia Moura Andrade com seus interesses econômicos e políticos, emancipa e cria a cidade de Nova Andradina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ocupação e colonização da região do Sul de Mato Grosso se deu por diversos fatores, tanto em quesitos sociais e como econômicos. O movimento de colonização que iniciou com a Marcha para Oeste criou um perfil histórico de migração para a região Sul de Mato Grosso passando por diversas transformações. Assim, Nova Andradina incidiu em um processo semelhante ao que se via no Estado, pois, como exposto no decorrer do trabalho o processo de colonização de Nova Andradina, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, mostra no que concerne em aspectos históricos e que envolvem esses processos, praticas habituais de feitas por diversas colonizadoras no Sul de Mato Grosso.

Deste ponto, o trabalho propôs mostrar aspectos da ocupação da região de Nova Andradina, para assim entender as formas de ocupação e colonização realizadas pela colonizadora Moura Andrade. Assim, a partir das análises das fontes o que se pode perceber que a Companhia Moura Andrade ao adentrar a região, existia inicialmente o interesse econômicos de desmatar e comercializar aquela região. Notório que a colonizadora se constituiu um instrumento poder político, pois ao ter acesso a núcleos de terras, aliará um processo de desmatamento com a formação de mercado de mão-de-obra. Com isso, mostra-se uma característica de ocupação desses “espaços vazios” de que o governo incentiva financeiramente uma iniciativa privada, que não tinham o interesse de ocupar e colonizar, mas sim de ocupar e enriquecer.

A partir dos relatos da colonização de cidade, entende que esse processo de formação de uma sociedade, ocorreu por trabalhadores que migraram para a região em busca de trabalho e terra, condicionado também a uma colonizadora que detinha diversos recursos e mecanismos para tomar posse de terras e se legitimar como pioneiras. Assim, ao analisar

esses relatos, tendo em vistas que as relações são recorrentes práticas e representações, mostra a interações de poder e trabalho.

Em termos políticos, econômicos e sociais, Moura Andrade e sua Companhia detinha um poder sobre a região. Pois Moura Andrade em um curto espaço de tempo ocupou uma vasta extensão territorial, e com recursos próprios trouxe milhares de trabalhadores para a região, possibilitando assim, mesmo talvez não sendo a seu maior intensão, povoou, colonizou e fundou Nova Andradina, mas com destaque que esse processo se tornou possível graças a participação de trabalhadores que em muito contribuiu para construção da História de Nova Andrade, e não apenas uma história vista por um único homem. Pesando assim, no ano de 1958 a Companhia Moura Andrade partindo de interesses econômicos e políticos, emancipa e conjunto com milhares de pessoas de várias partes do país, participa do processo de criação da cidade de Nova Andradina.

O processo de criação da cidade de Nova Andradina e também por todo território nacional na primeira metade do século XX, o Brasil passou por um intenso processo de ocupação da região Centro Oeste, e em caso mais específico, a região de estudo, o Sul de Mato Grosso.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT; Circe Maria F: **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo. Ed Cortez, 2004.

BONFIM, Juliana Sanches Silva. **Colonização Particular: Atuação da Companhia Viação São Paulo – Mato Grosso (1940-1960)**. Dissertação de mestrado em História. Universidade Federal da Grande Dourados. 2009.

CARLI, Maria Aparecida F. **A Colônia Agrícola Municipal de Dourados: colonização e povoamento (1946-1956)**. Dourados, 2005. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações**. 2ª edição. Editora Dipel. 1988.

GARRIDO, Joan de Alcázar. As Fontes Orais na Pesquisa Histórica: Uma Contribuição ao Debate. **Revista Brasileira de História. Organização da Associação Nacional dos Professores Universitários de História – São Paulo**. ANPUH/Marco Zero, vol. 13, nº 25/26, agosto 93.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEINST, Andreia de Cássia. **Mato Grosso e a comercialização dos seus “Espaços Vazios” durante as décadas de 1950 e 1960**. In BARROZO, João Carlos (Org.). **Mato Grosso do sonho à utopia da terra**. Cuiabá: EdUFMT/Carlini & Caniato.

LENHARO, Alcir. **Terra para quem nela não trabalha: (A especulação com a terra no oeste brasileiro nos anos 50)**. Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3626. Acesso: 04/04/2016.

MORENO, Gislaene. **O processo histórico de acesso à terra em Mato Grosso**. Geosul. Florianópolis, v.14, N.27, p.67-90, jan./jun. 1999.

NETO, Regina Beatriz Guimarães. **A cidade simbólica: inscrições no tempo e no espaço**. In Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXII, n. 1, p. 143-155, junho 2006.

SANTOS, Claudinei Araújo. **A região em análise: A política e a igreja no processo de colonização de Nova Andradina-MS**. 2015. Dissertação (Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS) Três Lagoas – MS.

SILVA, Aldina Cássia F. **Nas trilhas da Memória: uma colônia japonesa no Norte de Mato Grosso – Gleba Rio Ferro (1950-1960)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2004.

SOUZA, Itamar. **Migrações Internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

ZILIANI, José Carlos. **Colonização: Táticas e Estratégias da Companhia de Viação São Paulo Mato Grosso (1908-1960)**. 2010. Tese (Doutorado em História pela Universidade Estadual Paulista-UNESP) Assis-SP.

Artigo recebido em dezembro de 2016. Aprovado em fevereiro de 2017.